

MILTON DIAS E *RELEMBRANÇAS*, ESCRITA MEMORIALISTA?

Desejamos demonstrar que *Relembraças*, crônicas de Milton Dias, em seu conjunto e sua organização pode ser considerado um livro memorialista.

Relembraças pode ser chamado de livro de crônicas, contos, cartas sob a forma de crônica ou pode ser tudo isso ao mesmo tempo?

Conto é uma espécie de narrativa de maior brevidade. É como o chamou Lúcia Miguel Pereira, no seu livro *Machado de Assis*, - "o caso, em contraposição ao romance, que é a vida". Diz a ensaísta: "O romance é a vida, o conto é o caso, a anedota". E Mário de Andrade, em *O Empalhador de Passarinho*, declara numa concepção inteiramente subjetiva: "O que é o conto? Alguns escritores do inquerito se têm preocupado com este inábil problema de estética literária. Em verdade, sempre será conto aquilo que seu autor batizou com o nome de conto". Os contos, os romances, as novelas, admitem vários assuntos. Há contos de conteúdo denso e psicológico (Maupassant e Machado de Assis), impressionistas (Fialho de Almeida), fantásticos, (Hoffmann), simbolistas (Oscar Wilde), regionais (Monteiro Lobato), de mistério e policiais (Poë, Conan Doyle), de fadas (os irmãos Grimm, Perrault, Andersen), orientalistas (*As mil e uma noites*, e os de Malba Tahan), e os de aventura (Kipling). Sem falar nos contos de Mário de Andrade, de Graciliano Ramos, de Clarice Lispector, de Guimarães Rosa e de Lígia Fagundes Teles, entre outros.

Crônica, etimologicamente, significa "Chronos" = tempo. Era o relato histórico. Nesse sentido, lembramos cronistas como Fernão Lopes, Diogo do Couto, e outros. Hoje constitui uma espécie de conto curto ou narrativa condensada, que capta **um flagrante da vida, pitoresco e atual, real e imaginário**, com ampla variedade temática e num tom poético embora coloquial da linguagem oral. Quando encerra uma estória, torna-se um conto, o que é freqüente em autores nossos, como Rubem Braga, Drummond e Fernando Sabino.

A **escrita do eu** é a escrita sob o signo da memória. Dita desta maneira toda escrita seria memorialista, porque só escrevemos aquilo que está

guardado na nossa memória: as vivências, leituras, experiências, enfim... A memória é ao mesmo tempo individual e coletiva e Milton Dias, ao fazer suas crônicas, recria o passado em Massapê, faz uma reconstrução da infância, da escola e da vida em Fortaleza de 50 e 60 anos atrás. Descrevendo a vida e os hábitos de uma cidade provinciana ele constrói a história de sua cidade e da sua sociedade.

Os textos autobiográficos fazem parte de um gênero complexo, que participam, em princípio, de duas linhas contrastantes: a narrativa histórica e a prosa lírica. O escritor, ora é levado para um lado, ora para o outro, tendendo às vezes a assumir formalmente uma dessas diretrizes. Em Milton Dias, por sua linguagem, predomina a prosa lírica. Falar de si mesmo constitui uma ruptura de perspectiva, um desequilíbrio, em que o sujeito é seu próprio objeto. O distanciamento temporal que deve ocorrer - um eu objeto passado em relação a um eu sujeito presente - transmite ao leitor a sensação de que a memória é sempre fluida e inconstante. Ela é literatura crítica, porque aquele que escreve é um *ser em crise*¹.

Nesse ponto de vista a escrita de Milton Dias é uma escrita de um cronista misto de poeta e de contista, que escreve suas crônicas retirando do seu *baú de ossos* do passado (ou da memória) todo o material que ele vai reelaborar na sua escrita, a partir do título e da epígrafe. Segundo Genette² a obra literária se compõe de um texto que tem em torno de si toda uma organização chamada de paratexto: títulos, subtítulos, intertítulos, orelhas, prefácio, dedicatórias, epígrafes, ilustrações e notas, que o rodeiam e o prolongam. A epígrafe do livro de Milton vai nos dar o sentido de explicação do texto a ser lido, de explicação do título e do tema do livro.

Confissão

Quando eu morrer, Mãe,
esquece este filho
tão triste, tão pobre,
que só pede uma planta no túmulo.
Quando eu morrer, Mãe,
tudo o que eu peço

¹ Cf. Eliane Zagury, *A Escrita do eu*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1982, 169P.

² Cf. Gerard Genette, *Seuils*. Paris: Seuil. 1987.

é uma oração crepuscular.
Quando eu morrer, Mãe,
perdoa a falsa alegria,
o riso gratuito
a alegria postiça
que escondia uma tristeza tão grande
que você, Mãe, nunca suspeitou.
Quando eu morrer, Mãe,
perdoa os erros todos deste filho
que nunca deixou de ser criança.

M.D. 01/08/73

Relembrações, escrita memorialista?

O título, como um indicativo do texto, leva o leitor a um tipo particular de escrita: a escrita da memória. Se a crônica se atém à descrição de um fato do cotidiano, as crônicas de Milton Dias, a partir do título do livro, nos transportam para a escrita da memória, a escrita do eu. É sempre o narrador Milton Dias que ocupa o espaço do papel em branco com seu “eu”, e como narrador onisciente, viaja proustianamente entre presente e passado, ocupando, de uma maneira ou de outra, como artista principal esse “picadeiro”, como diz Nava.

Os amigos que se encarregaram da escolha dos textos, para a publicação do livro, dividiram-no em 6 grupos de textos:

O menino, O estudante, O homem, A cidade, O viajante e Relembrações.

Os três primeiros constam da reunião das lembranças da vida infantil, do estudante, do adolescente e do homem: a volta à casa paterna: “fui como quem cumpre um voto” (p.31);

“Minha padroeira Santa Úrsula, se quieram outra igreja mais bonita, maior, mais suntuosa, porque não levantaram noutra ponto, porque não escolheram outra praça para embelezar, porque mexeram naquela que pertencia ao nosso patrimônio afetivo, que fazia parte da vida de tantas gerações?” (p.33);

Temos as experiências infantis e o tema que é tratado pelos grandes escritores e poetas, o natal: em “O menino e o natal”, o cronista já traz a resposta ao questionamento de Machado de Assis: “mudou o Natal ou mudei eu”? Milton Dias declara:

“O menino antigo (apropriação dos versos e do livro de Drummond) que amava o Natal foi devorado, tragado, engolido pelo tempo. Foi-se morrendo o menino. Aos poucos foi consumido de tristeza e de aflição. Foi-se indo com seu trigo, seu maná, seu camisão, seu Natal, seu embornal, sua flor morta em botão, o que sobra é muito pouco, no caçua da afeição. Ao menino que à chegada foi salvado

com alegria, só resta um canto de roda em tom de melancolia. Foi-se morrendo o menino com um canto no coração, ciranda, noites de prenda, Maria me dá tua mão, quero uma de vossas filhas, carneirinho, carneirão.”

A profunda melancolia do narrador, quase desespero, ao constatar que, o que sobrou do menino antigo foi a poesia e a canção da infância, recuperada pela memória como em Bandeira, Drummond e Francisco Carvalho. Em **O estudante**, é Proust que está presente com sua memória involuntária; Em **A mala** que é um índice de viagem, a viagem que Milton realiza no tempo e no espaço, no mundo escolar e na aquisição da cultura. Em **O Homem**, encontramos textos deslocados como o questionário (que deveria estar no começo ou no final); várias crônicas que são crônicas mesmo, como **Um dia qualquer** na p. 93 e outras que são verdadeiros contos nas páginas 111, 118, 121 e 167. As cartas às amigas em **Coração de Menino Doido** e **O aniversário**, nas páginas 96 e 103, tratam da tristeza ou da consciência do tempo que passa:

“Nós outros vamos apurando desesperanças. [...] É mesmo – deixa pra lá, que um dia tudo vai se nivelar no fim definitivo, para não falar no pó a que nos havemos de tornar. E este minuto que passou não voltará, como não volta a madrugada, nem o amor perdido, nem a juventude, nem a infância. O outro é irre recuperável, irreversível, só existe no nosso patrimônio particular de memórias. E é o único que ninguém toma, nem empresta, nem perde, nem vende, é o único bem pessoal, realmente intransferível.” (p.105)

A busca da solidão, a consciência do tempo que passa e a saudade são os temas dessas crônicas.

Em **A moça e o sonho**, o cronista conta sua aprendizagem da França e nos embala com o refrão “Entre dois rios joguei meu coração desde menino”, a princípio uma repetição, que vai crescendo e adquire autonomia, dominando o seu espaço no texto, principalmente quando o rio cantado é o Sena. Milton reproduz poemas de Baudelaire, de Prévert e de Apollinaire. Mas, para ser um conto/crônica precisaria que o texto tivesse seu ponto final na frase: “Entre dois rios joguei meu coração desde menino” porque o leitor, de repente, se depara com um final de discurso de agradecimento ao governo francês, pelo recebimento das “Palmas Acadêmicas”. As despedidas, significam viagem, perda, solidão, esquecimento; em **A casa da fazenda**, temos a nostalgia e o passado que se recupera apenas pela memória; em **Dezembro e o homem** a busca da solidariedade humana é encontrada nos versos de Paul Fort, da ciranda:

“Ah! Se todas as moças do mundo quisessem se dar a mão, bem que se poderia fazer uma ronda em torno do mundo” [...] “Quem é a mulher, quem é o homem de boa vontade,

bem servido de talento, engenho e arte, que queira compor para este pobre homem de Deus uma canção assim? Uma canção com que eu responderia a todas as mensagens deste Natal."

Do sentimento de nostalgia, o texto vai num crescendo para o sentimento de solidão, do desejo da morte e termina com a balada a N. S. dos Tristes: "Minha N.S., peço por todos os afogados na melancolia".

A cidade poderia ser retirada: são discursos, elogiosos à cidade de Fortaleza, que não condizem com a atmosfera evocativa do livro.

Em **O Viajante** são reunidas verdadeiras crônicas de viagem pela Europa, ressaltando o amor do cronista pela França, pelos escritores, pela música e pelo rio Sena, "o rio mulher".

E finalmente, **Relembrações**, que privilegia o "patrimônio" das lembranças. Duas crônicas estão deslocadas: "25 anos aqui" e "Aqui, as cunhãs: muito prazer", que deveriam ir para a última parte do **Homem** porque o tom e a atmosfera de *Relembrações* está todo construído em torno da figura paterna ou de pessoas antigas da terra natal, todos mortos. Aqui, não é Proust que domina com a recuperação da memória involuntária, mas Villon com a atmosfera trágica da "Ballade des pendus", principalmente, através da figura do pai morto, das casas mortas recuperadas pela lembrança, da morta que ressurgue, narra o passado e desaparece numa nuvem de pesadelo, ou da megera, que é a Morte, a morte de Shakespeare e de Nava.

A morte de Milton. E na última crônica, Milton Dias escreve uma balada à maneira de Villon.

Temos muito forte a presença do memorialismo no espírito cristão, na memória dos textos, na leitura dos escritores franceses, começando por Victor Hugo (aceitação da morte), Baudelaire (convite à viagem), Rimbaud (fragmentação do eu do escritor), Verlaine (melancolia e espiritualidade) e finalmente Villon, o poeta da morte, da balada dos enforcados, da certeza morte certa nesta vida incerta.

Os temas de Milton são comuns a todos os escritores: a solidão, paradoxo para quem gostava de se sentir rodeado de pessoas, que dava um sentido maior à amizade; o sentimento da perda: da mala, das viagens, da capa, das amadas, das pessoas, do amor e do medo de amar; a despedida; a infância: a escola; a fuga: as viagens reais e as imaginárias: no tempo e no espaço da memória na qual o narrador, na sua solidão, procura reviver um passado no qual poderia ter sido feliz. No livro de Milton Dias não encontramos fatos presentes, salvo em "um dia qualquer". Os outros constituem fatos presentes servindo de trampolim para o passado transportando-o proustianamente para o passado.

Crônicas? Talvez, mas poderíamos dizer que Milton Dias escreve abrindo o "baú" da memória, desarquivando todo o material ali guardado durante anos. Se ele tivesse tido tempo, talvez com o caminho aberto por Pedro Nava, ele poderia ter reorganizado suas crônicas, transformando-as num belo livro de memórias....